

## PLANEJAR/MINISTRAR 'AULAS ABERTAS' NO ENSINO MÉDIO: uma experiência de ensino em turma mista de voleibol

Cristiano Mezzaroba<sup>1</sup>  
Guilherme Felício M. Coelho<sup>2</sup>  
Carlos Luiz Cardoso<sup>3</sup>

### Resumo

Trata-se de um relato de experiência acerca de nosso estágio, realizado com uma turma mista de voleibol no Ensino Médio. Para tal, escolhemos a 'concepção de aulas abertas às experiências' como a norteadora didático-pedagógica. Através de uma diversidade de configurações, com a participação ativa dos alunos no processo de elaboração das aulas,

### Abstract

This is a experience relate above our stage, realized with a mixed class of volleyball in medium teaching. For that, we chosen the opened classes conception as our north. Beyond a diversity of configurations, with the active participation of the students in the classes elaboration process, it was noticed the need of a improvement in the 'communication' process,

<sup>1</sup> Licenciado e Mestre em Educação Física/UFSC e acadêmico de Ciências Sociais/UFSC.

<sup>2</sup> Licenciado e Mestre em Educação Física/UFSC.

<sup>3</sup> Prof. Curso de Educação Física – membro do Departamento de Educação Física e do NEPEF/CDS/UFSC.

observou-se a importância de se estabelecer uma melhor 'comunicação', garantindo que a busca individual e coletiva concretizasse o planejamento. Através de 'um sistema aberto de ensino', em que a centralidade do processo é 'o mundo de movimento do aluno', vimos que, inicialmente, eles tinham dificuldade em 'exercer sua autonomia e se expressar'. Assim, com o 'tempo', percebemos uma melhora na captação desse sentido.

**Palavras-chave:** experiência de ensino, voleibol, ensino médio.

granting the collective and individual search on the planning concretization. Beyond an 'opened system of teaching' where the central point is the 'world movement student', we watched, initially, they hadn't 'enough capacities and autonomy of self expression'. Even, with the 'time', we realized a sensible improvement in this sense.

**Keywords:** experience of teaching, volleyball, medium teaching.

## Introdução

O Estágio Supervisionado na Disciplina de Prática de Ensino de Educação Física Escolar II<sup>4</sup> procura aprofundar os estudos sobre o Estágio através da experimentação teórico-prática de metodologias de ensino em ambientes escolares. Esta experimentação é, na verdade, um tensionamento do que a área (teoria) conseguiu acumular nas suas pesquisas sobre o ensino (práticas na escola). Busca-se, assim, a relação dialética entre teoria e prática, na qual uma não se reduz à outra.

Como atividades desta disciplina (em que atuamos de abril a junho de 2004) podemos destacar três delas: a investigação do campo de estágio (análise da realidade escolar: entrevistas com alunos e professor, registro de observações de aulas e análise de documentos); as intervenções com a turma escolhida (planos e relatórios de aula) e a sistematização e socialização da experiência de ensino, através da elaboração de um artigo (que sintetizasse e ao mesmo tempo aprofundasse algum(uns) aspecto(s) do Estágio).

<sup>4</sup> Este artigo é um recorte do relatório final de estágio realizado na disciplina de Prática de Ensino II do Curso de Licenciatura em Educação Física do CDS/UFSC.

## Comentando sobre a análise da realidade escolar...

A *Análise da Realidade Escolar* (também chamada de *análise de conjuntura*) é considerado o momento inicial do estágio supervisionado, no qual os acadêmicos aprofundam suas reflexões acerca das dinâmicas metodológicas, das concepções pedagógicas, da própria instituição e da turma na qual irão intervir, sendo que o objetivo é a instrumentalização necessária diante da realidade observada, orientando o trabalho pedagógico. Para isso, analisam-se os sujeitos/atores, os acontecimentos/fatos, os cenários/ espaços, registros documentais, as correlações de forças que se colocam num patamar de disputas, bem como a relação entre conjuntura e estrutura. (SOUZA, 1996).

Quanto ao *campo de Estágio*, desenvolveu-se numa escola pública do município de Florianópolis/SC, em uma turma mista (masculino e feminino), composta de alunos(as) de todas as séries (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup>) do ensino médio. As aulas eram realizadas às terças e quintas-feiras, no horário das 14hs às 15hs05min, sempre dentro de um ginásio, local este coberto, com iluminação, com todos os materiais necessários e disponíveis para a realização das aulas, apesar de ser um local bastante movimentado

(outras turmas e pessoas circulando pelo local) e abafado.

Outras constatações quanto ao espaço é que o ginásio possui nove quadras desenhadas no piso, e essa exagerada “demarcação” atrapalhava a realização de algumas atividades, confundindo, muitas vezes, os alunos. A acústica do ginásio também dificultava bastante quando se precisavam explicar as atividades ou determinados conteúdos, como por exemplo, o que trabalhamos, que foi a monitoramento da frequência cardíaca antes, durante e depois da aula de Educação Física.

Comentando um pouco sobre a escola em que realizamos nosso estágio, a mesma foi criada em 1961 e é uma unidade educacional que atende ao ensino fundamental e médio. Quando criada, tinha como objetivo servir de campo de estágio aos alunos dos cursos de Licenciatura e Educação e também como campo de experiências pedagógicas.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola, sua finalidade, entre outras, é servir de campo de ensino, pesquisa e extensão, voltado para o desenvolvimento de diferentes práticas pedagógicas. Sendo uma escola que oferece um amplo campo de estágio para os diversos cursos de licenciatura, a mesma possui uma Coordenadoria de Estágio, a qual coordena as atividades de estágios e da Prática de

Ensino no colégio. Tem como objetivo o aperfeiçoamento da escola como campo de estágios.

Essa Coordenadoria conceitua estágio como sendo “um período de exercício pré-profissional, previsto no currículo ou não, em que o acadêmico permanece em contato direto com o ambiente de trabalho, desenvolvendo atividades fundamentais que visam a profissionalização do estudante.” (informação obtida no *site* da escola).

Nesta mesma instituição, a Educação Física, entendida como uma disciplina integrante da organização disciplinar<sup>5</sup> possui uma sistematização diferenciada para o ensino fundamental e médio. No ensino fundamental a Educação Física é feita com a própria turma, sendo que ela contempla as várias modalidades esportivas (organizadas e trabalhadas trimestralmente). Já no ensino médio cada aluno opta por uma modalidade (como vôlei, futsal, basquete, atletismo, ginástica, handebol e natação) e as turmas são formadas de acordo com uma hierarquia de escolha (alunos do 3º ano têm preferência, depois os do 2º ano e por último os do 1º ano).

Além das questões em torno da instituição, foram realizadas *entrevistas*<sup>6</sup> com o professor de Educação Física e também com a maioria dos alunos, a fim de melhor compreender estes “sujeitos/atores”. Com relação aos alunos, que inicialmente eram 14 (quatorze) e, ao final do estágio eram 18 (dezoito), obtivemos 9 (nove) entrevistas.

Por meio delas, foram identificados os seguintes elementos: alunos(as) de diferentes idades; heterogeneidade quanto ao voleibol (nível de jogo e tempo de prática); consideram-se com uma boa saúde; moram com a família e os pais são casados; a grande maioria não pratica atividades fora da escola por alegar falta de tempo; disseram que o vôlei foi o primeiro esporte aprendido; que o mais importante nas aulas de Educação Física é a união do grupo, a própria prática de exercícios físicos, a integração e o relaxamento/descontração; disseram também ter maiores dificuldades nos aspectos técnicos do vôlei e ninguém relatou ter problema de relacionamento com os demais colegas nem com o professor da disciplina.

<sup>5</sup> Juntamente com as disciplinas de: Biologia, Desenho Geométrico, Educação Artística, Educação Geral, Física, Filosofia, Geografia, História, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras, Matemática, Química e Sociologia.

<sup>6</sup> Elaborada pela turma Prática de Ensino em Educação Física Escolar II e orientada pelo Prof. Fábio M. Pinto.

Outro aspecto importante que deve ser mencionado quanto à *fala* dos alunos é que eles vêm como contribuição do estágio: outras formas de se ter aulas (coisas novas/dinâmicas diferentes), maior estimulação por parte dos estagiários, experiência que os estagiários podem passar para os alunos e também a participação da turma.

Antes da intervenção, foram realizadas *observações sistemáticas com a turma*, num período de três semanas, sendo que podemos destacar como aspectos mais relevantes: a aula era de caráter tradicional, estruturada sempre em três momentos (primeiro momento – preparação física; segundo momento – fundamentação técnica - e terceiro momento – jogo); apesar da baixa motivação, os alunos respeitam a aula; a aula é totalmente conduzida pelo professor; e este faz comentários individualizados durante a aula, denunciando<sup>7</sup> os erros de algum aluno.

Durante as *observações e pela leitura* do planejamento de ensino da disciplina elaborado pelo professor, foram constatadas

algumas incoerências, como por exemplo, sobre a questão da consciência corporal: a inexistência de um retorno para os alunos em relação aos testes “cobrados” pelo professor – tais testes, ao invés de ter uma função pedagógica, parece que são realizados apenas “para cumprir tabela<sup>8</sup>”. Sobre as atividades populares<sup>9</sup>, a incoerência encontrada foi a sua não realização, pois, o que foi visto foram apenas formas tradicionais, como correr ao redor da quadra e sessões de alongamentos.

Mas não foram observadas apenas incoerências. Constatamos que, com relação à cultura física, cultura desportiva e atividades diversificadas, o professor foi coerente diante do planejamento, abordando os aspectos enfatizados no plano (conteúdos do voleibol).

Com relação às incoerências dos alunos, foi identificada uma a qual gerou um certo “desconforto” na aula, pois no começo da mesma, todos concordaram com a dinâmica proposta, sendo que durante o jogo três alunos discordaram da dinâmica, acabando por prejudicar o desen-

<sup>7</sup> A *denúncia* é entregar a atitude do aluno que não estava realizando o exercício/atividade corretamente para toda a turma, a fim de que a mesma reconheça o equívoco.

<sup>8</sup> Os testes são realizados sem que os alunos saibam o porquê, e tampouco os mesmos alunos recebem retorno quanto aos dados coletados. Alguns professores da escola utilizam esses dados como parte empírica de suas pesquisas.

<sup>9</sup> As *atividades populares* seriam algumas atividades que o professor propunha, em seu planejamento, abordando aspectos da cultura local.

volvimento da aula e gerando muita discussão entre toda a turma.

Percebendo isso tudo, julgamos que seria necessária uma maior abertura aos alunos nas aulas, escolhendo, então, como metodologia de ensino para o estágio a *concepção de aulas abertas*, que a seguir será melhor tratada.

### **O planejamento de ensino e as 'aulas abertas às experiências'...**

Durante a Disciplina, elaboramos o *Planejamento de Ensino*, um trabalho que orientou todas as nossas ações no decorrer do Estágio Supervisionado. Nesse planejamento, estão contidas todas as informações quanto à Análise da Realidade Escolar (já mencionada no tópico anterior), à fundamentação teórica (que será agora abordada), bem como os planos e relatórios de aulas (desde o dia 22 de abril até o dia 8 de junho), cronograma das atividades realizadas, além dos anexos (Projeto Político Pedagógico, planejamento da disciplina, manual do estagiário, informações coletadas na página da internet da escola, relatório das observações, entrevistas com os alunos e com o professor).

Estudou-se a concepção de *aulas abertas às experiências* como fundamentação teórica para

o estágio. Esta concepção está estruturada nos livros *Concepções abertas no ensino da Educação Física* e *Visão didática da Educação Física – análises críticas e exemplos práticos de aulas*, cujos autores são respectivamente, Reiner Hildebrandt/Ralf Laging e Grupo de Trabalho Pedagógico de duas universidades federais brasileiras – a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Federal de Santa Maria-RS (UFSM).

Esse tipo de *aula* surgiu como uma forma de descentralizar sua condução pelo professor, visando maior participação do aluno no planejamento, no desenvolvimento e na avaliação da aula. Para esta concepção, o aluno deixa de ser “objeto da aula”, para se tornar um “sujeito”. Assim, por meio das *aulas abertas* espera-se que os alunos se tornem capazes de viver a realidade esportiva com suas múltiplas possibilidades e situações didaticamente preenchidas. (HILDEBRANDT ; LAGING, 1986). Deste modo, o método de aulas abertas às experiências tem como características principais:

- 1 - Criação de situações de ensino fundamentada numa orientação de ação comum, constituída pela intenção do professor e pelos objetivos de ação dos alunos.
- 2 - Neste tipo de ensino da Educação Física, o conteúdo do esporte é determinado como uma

presença modificável, de formação e conceituação individual de movimentos, mas concebido com posicionamentos e valores modificáveis.

3 - O modo de transmitir deve deixar espaço para o jogo de ações, abrindo aos alunos a possibilidade de agirem autonomamente, visando a criatividade, a comunicação e a cooperação. Aqui o aluno se torna sujeito de seu próprio processo de aprendizagem (HILDEBRANDT ; LADING, 1986, p.7).

Justifica-se essa escolha porque pensamos aprofundar conhecimentos sobre uma outra concepção (ainda não trabalhada por nós) e também por considerá-la muito diferente da forma com que tivemos Educação Física (ou seja, da forma tradicional) na nossa biografia escolar. Assim, pensamos que ao abordá-la faríamos um exercício de busca de “novas” formas de dar aulas, considerando como ponto central, ou como sujeito principal, o aluno, diferentemente do usual, no qual o professor é o detentor de toda a organização da aula.

A escolha desta concepção está pautada nas observações e nas entrevistas realizadas com os alunos, pois se verificou a necessidade de mudança no modelo de aula, considerando-se alunos do ensino médio, isto é, indivíduos com

bastante “autonomia” para participarem do processo de elaboração de um planejamento de ensino e de uma aula, os quais têm um elevado grau de exigência.

Os autores brasileiros expõem que “podemos caracterizar aula como um acontecimento socialmente regulamentado, no qual os participantes – professor e alunos – constróem situações de ensino-aprendizagem, de modo que os alunos se tornem capazes de atuar no esporte e através dele” (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM, 1991, p. 38).

Tal concepção considera que para a existência de aulas abertas deve haver *três legitimizações* (Grupo de Trabalho Pedagógico), que são:

- > Legitimação didático-pedagógica;
- > Legitimação humana;
- > Legitimação político-social.

A primeira legitimização, *didático-pedagógica*, refere-se à *compreensão do esporte* (socialização – seres sociais, e individualização – indivíduos únicos); à *relação entre esporte e educação* (o esporte pode cooperar no desenvolvimento da capacidade de ação; o esporte pode ser importante para a atividade motora cotidiana; o esporte contribui para a dimensão social da capacidade de ação; a capacidade de ação está intimamente relacionada com a saúde e o bem-estar; o es-

porte pode servir como um modelo compreensível da realidade social); *para uma compreensão pedagógica do esporte* (o esporte, considerado como campo de ação educacional, pode indicar as perspectivas de regulamentação, aprendizagem, espetáculo, reflexão e algo a ser modificado); e na *compreensão de aula e a relação entre educação, esporte e aula*.

Mais especificamente quanto a este subitem, *compreensão de aula e a relação entre educação, esporte e aula*, pode-se fazer alguns comentários para melhor elucidar o que vem a ser aulas abertas e quais são as diferenças entre elas e as aulas fechadas. Nas aulas fechadas, as aulas são orientadas no professor, no produto, nas metas definidas e na intenção racionalista.

Os autores, com clareza escrevem:

Definimos uma aula como determinada e fechada, quando os conteúdos são definidos sistematicamente e se orientam em formas de comportamentos estáveis e com qualificações previamente definidas, e quando o ensino é entendido só como instrução ou ensino formal. (Ibid., p. 40).

Hildebrandt e Laging (1986, p. 15) definem que:

As concepções de ensino são abertas quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro deste complexo de decisão. O grau de abertura depende do grau de possibilidade de co-decisão. As possibilidades de decisão dos alunos são orientadas cada vez mais pela decisão prévia do professor.

Já as aulas abertas são aulas orientadas no aluno, no processo, na problematização e na comunicação. Complementando:

Definimos como aula aberta aquela em que o professor admite que os educandos são pessoas que sabem atuar juntas, que devem entender-se conjuntamente quanto ao sentido das suas ações. Isto significa que os alunos podem apresentar suas opiniões e realizar suas experiências, que resultam das suas histórias individuais da vida cotidiana. Por isso, os temas das aulas devem ser ambíguos e complexos, abertos aos interesses e às experiências que os alunos adquiriram nas suas histórias de vida (GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM, 1991, p. 40-41).

Quanto à segunda legitimação, *a humana*, é por considerar o individualismo crescente entre as pessoas e pelo papel que o esporte e as diversas instituições têm para minimizar esse problema. Neste item comenta-se sobre o problema

do uso excessivo da racionalidade e o da particularidade (visão fragmentada das coisas – falta de conexão); o processo educacional dirigido pelo princípio humano e ainda, sobre a ação humana na educação e na aula. Neste último (a ação humana na educação e na aula), apontam três exigências (ou princípios básicos) na aula de Educação Física escolar:

- 1) Professor e aluno planejam a aula conjuntamente, isto é, os alunos aprendem a assumir responsabilidades para o futuro. (...)
- 2) Os processos de aprendizagem devem ser realizados com abertura às experiências. (...)
- 3) Os conteúdos de aprendizagem devem referir-se a relações de vida cotidiana fora da escola. (Ibid., p. 46-47).

Por último, a *legitimação político-social* por que:

Importante é que se reconheça que Educação Física deve ser mais um elemento no processo histórico de superação dos atuais estágios de vida na sociedade, mais um elemento que, juntamente com

outras dimensões sociais, está efetivamente participando na luta pela dignificação da vida de todos os homens. (...) O entendimento desta relação e deste sentido de educação física e esportes em nossa sociedade busca estabelecer novas relações político-pedagógicas, e, ainda, contribuir para o desenvolvimento de novas relações sociais, superando-se o contraditório e desumano das relações atuais (Ibid, p. 50-51).

Tais autores também entendem que esta opção de aulas abertas a experiências é, antes de tudo, uma ação político-pedagógica por uma forma de desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem em Educação Física e esportes, coerentes com a perspectiva de transformação social.

No ato de construir, no ato de opinar, na atitude de criticar, na revisão e ampliação do universo cultural, na organização de aulas que motivem as ações e reflexões, no estabelecimento de novas relações entre professor, aluno, conteúdo, visualiza-se muito bem a importância de aulas abertas a experiências (Ibid, p. 52).

Segundo Hildebrandt e Laging (1986) este tipo de concepção sofre alguns preconceitos<sup>10</sup> como:

<sup>10</sup> Devido a esses preconceitos, talvez as experiências dos alunos não sejam mais utilizadas, “apagando-se” logo após a sua realização.

- os alunos podem fazer o que quiserem;
- no ensino aberto não se aprende nada;
- divisão das competências dos processos de ensino e educacional em diferentes áreas de objetivos;
- os alunos não estão em condições de lidar com as competências.

### **E na prática... como foi nossa aproximação com a teoria?**

Até agora procurou-se descrever o campo de estágio e a teoria que “sustentou” nossa Prática de Ensino, isto é, a aproximação que foi feita da concepção de *aulas abertas* com as intervenções.

Pensamos que o estudo realizado em torno da teoria escolhida não devesse ser entendida como uma “receita de bolo”, na qual se procura seguir fielmente as palavras dos autores. É necessário entender a realidade de cada contexto. Entendemos que a teoria deve servir como um embasamento para as atuações/intervenções, considerando-se que cada educador é um ser diferente, com formação diferenciada; da mesma forma, os educandos, com origens e formações variadas, e principalmente, vontades distintas.

Relacionando o que foi exposto acima, concordamos com Massih e Prudêncio (1996, p. 134), que ao comentarem sobre essas “adaptações” que ocorrem em torno dos embasamentos teóricos utilizados, escrevem que:

Nunca foi nosso propósito tomar a proposta pedagógica dos professores Hildebrandt e Laging como um modelo que precisaríamos seguir ‘ao pé da letra’. Aprendemos muito com sua obra sobre a concepção de ensino aberto, mas precisamos adaptá-la à nossa realidade, utilizando princípios de outras abordagens pedagógicas que melhor se adaptaram à situação trabalhada.

O que havia em comum era a escolha pela modalidade de voleibol. Sabemos também que alguns estavam ali porque era o que tinha “sobrado” (hierarquia de escolha nas séries da escola – terceiro ano tem preferência de escolha, depois os alunos do segundo ano e por último, os do primeiro ano).

Sendo o voleibol a modalidade escolhida, percebeu-se que os alunos entendem a aula de Educação Física como sendo uma aula essencialmente para “jogar”, neste caso, o voleibol. Sentimos algumas dificuldades, no início, quando tentávamos fazer da aula um momento que fosse para “além do jogo”, encontrando em alguns(mas) alunos(as) barreiras nas atividades

propostas. Mas isso foi uma questão de tempo. Começamos a questioná-los da utilidade de se ter um professor de Educação Física, pois se fosse apenas o jogo, a presença de um “professor” não era necessária, o que estaria em ação seriam as regras do jogo, sendo necessário, então, um “árbitro”. Com esse argumento, aos poucos, convencemo-los da importância de se desenvolver outras atividades, sem excluir o jogo da aula, mas considerando-o apenas como mais um momento dela.

Optou-se por não “fugir” demais daquilo que a turma tinha, simplesmente modificou-se a “maneira” de dar aulas, propondo-se atividades mais dinâmicas e participativas, abrindo espaços de diálogos e construções para os alunos.

Mantendo uma certa linha de trabalho (centrado no conteúdo, mas não seguindo a mesma forma dele – metodologia) foram eleitos como conteúdos das aulas os *fundamentos do voleibol*, neste caso: o saque por baixo e por cima, a manchete, toque de bola por cima de frente e de costas, a cortada e o bloqueio.

Mesmo considerando o pouco tempo de estágio, os fundamentos eram escolhidos pelos próprios alunos, mas sempre seguindo uma “ordem lógica”. Podemos citar como exemplo o que ocorreu no final de uma das aulas, quando conversávamos sobre o que seria

trabalhado (abertamente) na aula seguinte. Alguns alunos queriam que fosse trabalhado o *bloqueio*, enquanto outros alertaram que para se trabalhar o bloqueio, é necessário ter alguém que ataque, e o ataque até então não tinha sido trabalhado. Na discussão, então, concordou-se em trabalhar na aula seguinte a cortada, para que nas aulas posteriores, de acordo com a “evolução dos alunos”, se pudesse abordar o fundamento do bloqueio.

Desta maneira é que nossas aulas foram sendo construídas – com a participação e opinião dos alunos, mesmo que nem todos dessem suas opiniões (o que pensamos não acontecer dentro da sala de aula também!) as aulas eram construídas dentro do grande grupo. Assim, além de incentivar a expressão dos alunos, também os questionávamos bastante, procurando motivá-los constantemente.

É importante lembrar que este tipo de vivência não é comum ser utilizada no dia-a-dia escolar deles (inclusive no nosso, o meio acadêmico, isso também está longe da realidade). Essa mudança de “metodologia”, que “tira” o poder do professor e transfere para “todos os participantes” de uma aula, ainda encontra certa resistência, justamente por ser pouco utilizada. Entendemos que esta experiência foi útil para mostrar a nós e aos alu-

nos que o processo de construção e andamento de uma aula depende de todos – da opinião, da participação e da avaliação – e que essa construção coletiva, respeitando a realidade daquela situação, pode ser vivenciada em momentos muito ricos de aprendizagem.

Estruturaram-se as aulas de maneira que as mesmas ficassem abertas às idéias e opiniões dos alunos. Para isso, pensamos que seria necessário, num momento inicial, realizar uma conversa com os educandos, comentando a aula anterior, de qual seria o conteúdo da aula em questão e abrindo para manifestações diversas.

Dando seqüência à aula, realizávamos atividades recreativas (lúdicas), as quais tinham como objetivo o aquecimento (este era visto pelos alunos, em sua maioria as alunas, como uma atividade monótona e desmotivante). Percebemos que desta forma (atividades recreativas) sempre havia a participação de todos, e sem se dar conta, estavam participando de maneira ativa do “aquecimento”.

Logo após essa atividade recreativa, na maioria das aulas

dávamos seqüência com uma breve sessão de alongamentos, procurando desenvolver nos alunos noções gerais sobre “consciência corporal”<sup>11</sup>.

Mais especificamente quanto aos conteúdos da aula procuramos diversificar as dinâmicas, trabalhando com explicações das técnicas dos movimentos (fundamentos do vôlei), demonstrações (utilizando principalmente os alunos para isso), textos, figuras ilustrativas (isso foi usado em todos os fundamentos). Numa das aulas, por exemplo, utilizamos figuras para mostrar como seria todo o movimento da cortada, e no final desta mesma aula, fizemos dois pequenos grupos, no qual aquela figura, com toda a seqüência dos movimentos do ataque, virou um “quebra-cabeça” que deveria ser montado pelos grupos.

Trabalhamos com atividades em dupla, trios e grandes grupos. Fez-se uso do mini-vôlei (dois contra dois, quatro contra quatro) e do próprio jogo de vôlei formal (seis contra seis) para atingir os objetivos das aulas.

Como atividade final, sempre havia o jogo, requisito básico

<sup>11</sup> Hildebrandt-Stramann (2001) entende que no “se-movimentar” é preciso que se busque a **liberdade criativa**, termo utilizado pela teoria da Gestalt (com origem na psicologia da forma-alemã) e que pode ser entendido como ‘a procura individual de uma **forma** de se-movimentar que não seja homogênea’, via experiência corporal sensível, em que os alunos tenham a possibilidade de atuar autonomamente, com “uma compreensão de movimento na qual o movimento fica fundamentalmente acessível à interpretação e configuração individual” (p. 97).

de uma aula segundo o “desejo” de todos os alunos.

Antes de se encerrar a aula, dentro da nossa estrutura de intervenção, reuníamos o grande grupo e realizávamos uma espécie de “reunião”, entendida como uma “conversa final”, na qual discutíamos os pontos positivos e negativos da aula, fazíamos uma auto-avaliação e sugeriam-se propostas para a próxima aula.

Nossa proposta principal durante as aulas era de permitir espaço aos alunos para que eles criassem atividades relacionadas ao voleibol, com base nas vivências deles e com os materiais que eles tinham à disposição (bolas, bambolês, cones, rede, cordas, traves, escadas, bancos etc). Sabemos que mesmo sendo este um dos nossos objetivos principais, não conseguimos fazer com que isso fosse a tônica de nossas aulas. Não queremos, com isso, atribuir ao fator “tempo” a nossa desculpa pela não realização de algumas atividades que tínhamos planejado. Simplesmente queremos deixar claro que o tempo nos obriga a escolher determinados conteúdos, e a dinâmica de aula pode funcionar ou não, possibilitando que o planejamento seja executado na sua essência ou seja alterado no decorrer do estágio. E isso aconteceu conosco algumas vezes: a necessidade de mudança no cronograma

para atender aos pedidos da turma, quando convenientes.

Uma constatação interessante observada por nós é que, quando as atividades foram abertas às experiências dos alunos, sempre apareceram atividades as quais estavam acostumados a executar, isto é, em colunas, de forma bem burocrática, às vezes aguardando mais de um minuto entre uma ação e outra. Nesse mesmo apontamento, quando aconteciam alguns erros (saque, levantamento etc.), ao invés de repetirem o movimento até a execução correta do mesmo, voltavam ao final da fila esperar por mais “um bom tempo”.

Temos a idéia de que esses “acontecimentos” em nossas aulas se devem à forma como a Educação Física é ministrada nas escolas, sendo os alunos apenas “vítimas” de um processo educacional que, mesmo com todas as mudanças ocorridas até aqui, continua com métodos tradicionais de organização, métodos estes que não permitem ao aluno a “dialogicidade” durante a aula, expor sua criatividade e idéias.

Nas explanações dos alunos durante as atividades elaboradas por eles, vimos que inicialmente não havia “respeito” por parte do grupo, pois os demais ficavam quicando a bola, conversando com o colega do lado ou com alguém que passava fora da quadra. Aos poucos,

esse quadro foi se alterando, com os alunos percebendo que é difícil falar num grande grupo em um local com uma acústica não tão apropriada e com interferências. Nesse ínterim, quando eles vivenciaram tais experiências, passaram a entender melhor as dificuldades que o professor enfrenta enquanto ministra uma aula, passando a respeitar mais os estagiários e os próprios colegas.

Exemplificando tal situação, segue abaixo um trecho do relatório de aula (dia 29/04/2004).

Passada esta atividade, chegou a vez da proposta dos alunos. Muitos quicavam a bola enquanto os colegas faziam a proposta. Depois, ouviram, quando um aluno sugeriu uma proposta, que era as situações levantamento e ataque: duas colunas, em lados opostos da quadra; os estagiários seriam os levantadores. Os alunos jogavam a bola (toque por cima) para os levantadores que levantariam a bola para a ponta para aquele aluno atacar. O ataque deveria ser direcionado para os alvos no fundo da quadra (cones na paralela). Durante as propostas, ou seja, a pequena confusão que foi gerada enquanto os alunos falavam, um aluno se aproximou do estagiário auxiliar e comentou que este

tipo de atividade deveria ser feita no início da aula, pois consome muito **tempo**<sup>12</sup> dela. Aí foi respondido para ele que isso fazia parte da aula: as sugestões e propostas dos alunos na construção da aula.

Ainda falando sobre as aulas, é importante relatar os acontecimentos de uma, em especial, pois ocorreram algumas coisas “imprevisíveis” que foram, ao nosso ver, bem exploradas no estágio, permitindo uma problematização para toda a turma.

Neste dia, tínhamos como proposta de “aquecimento” a atividade “pega-corrente”. Os alunos decidiram não fazer esta atividade porque não queriam se dar as mãos, sugeriram então outro tipo de pega-pega, o “pique-congela”, na qual quem fosse pego ficava “congelado” (parado) dependendo do toque de seus colegas para voltar a correr. Na aula, o fundamento trabalhado foi o saque por cima. No momento do jogo, quatro alunos aguardavam sua vez para entrar (foi um dos dias em que mais alunos compareceram no estágio). Como já era de praxe, o sistema de pontos no jogo era modificado, pois para cada fundamento trabalhado seu acerto valeria um ponto a mais no jogo. Desta manei-

<sup>12</sup> *Tempo* neste caso entendido como o ‘exterior’, o cronológico, e não o tempo de cada um, que é o tempo ‘interior’ (*durée*), que permite a liberdade aos indivíduos.

ra, estimularíamos mais os alunos a executar tais fundamentos corretamente, permitindo uma maior dinâmica de jogo. Num *rally*, então, era muito fácil a equipe marcar vários pontos, o que fazia com que o jogo terminasse rapidamente.

Um aluno reclamou com o professor dizendo que este tipo de contagem “é uma palhaçada, não precisa fazer isso”. No mesmo instante, a aula é interrompida pelo estagiário, para discussão, entre todos, da questão da pontuação adicional, do número de pontos por set e também da entrada dos jogadores reservas nas posições 2 e 4 da quadra.

Dos quinze alunos presentes, apenas três manifestaram-se contra este tipo de pontuação que “descartava os erros” (a que privilegiava o acerto do saque e incentiva a equipe a dar três toques, finalizando com a cortada), sendo que os outros, de forma bem tímida, achavam que a pontuação deveria continuar como estava, pois era “legal”.

Esse tipo de atitude (manifestação) pode ser entendida como uma *denúncia*, isto é, os alunos denunciando o professor (a nossa atuação), diante de uma proposta que não agradou uma minoria, gerando-se uma certa “tensão” na turma.

Gerou-se uma grande “discussão” em torno disso, sendo que a minoria estava querendo decidir

pela maioria. Não se chegou a um consenso, pois todos ficaram conversando sobre isso até o final da aula. Podemos dizer que, dentre os três alunos que se posicionaram contra a forma de marcação de pontos, dois são aqueles que nós consideramos serem “os mais competitivos da turma”, sendo que o outro sempre chegava bem atrasado nas aulas, não participando de forma efetiva das primeiras atividades, e, quando chegava na hora do jogo, decidia jogar, mostrando-se muitas vezes desinteressado com a aula.

Na aula seguinte retomamos a discussão, sentados no centro da quadra em um grande círculo, ficando decidido entre os próprios alunos que a “contagem” dos pontos era uma idéia legal e que a partir desta aula, o “ponto extra” só seria considerado para o fundamento trabalhado na aula.

## A temática trabalhada...

Durante nossas intervenções, cumprindo com o que tínhamos planejado, abordamos uma temática, chamada de *Temática 1 – Frequência Cardíaca* (FC). Por meio dela, pretendíamos mostrar aos alunos como se faz o monitoramento da frequência cardíaca durante a realização de uma atividade física, neste caso, durante a aula de Edu-

ção Física. Para a realização desta aula, elaboramos um texto de apoio, o qual foi entregue aos alunos. Na aula, comentamos o texto e procuramos aplicar tais conhecimentos à mensuração da FC, informando que, ao final da mesma, iríamos realizar uma avaliação, para observar os conhecimentos obtidos.

O texto utilizado segue abaixo.

### **Temática 1: Frequência Cardíaca**

A frequência cardíaca é o número de vezes que o coração bate por minuto (ou o número de sístoles por minuto – contrações de expulsão do sangue do coração para todo o corpo). Pela frequência cardíaca (FC) também podemos saber a intensidade dos exercícios que praticamos, quando a relacionamos com a idade que temos.

Para mensurá-la, usamos os dedos indicador e médio (juntos), colocando-os ou sobre a artéria radial (antebraço); ou sobre a artéria carótida (pescoço, ao lado da traquéia) ou, ainda, sobre a artéria inguinal (virilha). A que é mais comumente usada é a radial, sendo a inguinal a menos usada.

Quando sabemos nossa frequência cardíaca máxima (FC-max) podemos achar as zonas ideais para nos orientar na atividade física, ou seja, conseguimos direcionar

nossa atividade de acordo com o objetivo principal da mesma: ativar o sistema cardiovascular ou perder peso, por exemplo.

A fórmula mais utilizada (ou mais tradicional, que vem sendo utilizada a três décadas) é a que se subtrai de 220 a idade. Esse número, 220, refere-se ao número máximo de batimentos cardíacos que um recém-nascido pode ter, sendo que, com o passar dos anos, vamos perdendo nossa capacidade com relação à FCmax (a cada ano de vida o ser humano perde um batimento cardíaco por minuto).

O cálculo para achar a frequência cardíaca máxima da população média foi rascunhado nos anos 50 pelo cientista americano M. J. Kavournenn e refeito pelos fisiologistas Samuel Fox e William Haskell em 1967 – por isso, esta fórmula se chama *Kavournenn*.

*Fonte:* dados adaptados de textos diversos relativos à Educação Física

Para descrever como foi a aula neste dia, vamos utilizar um trecho do Relatório de aula do dia 25 de maio de 2004, o qual achamos que contempla o que realmente aconteceu nesta aula.

O estagiário explicou como a aula seria desenvolvida, dizendo que iniciáramos a primeira temática, referente à frequência cardíaca (FC). Perguntou se alguém sabia o que era a FC, alguns se arriscaram, falando

de forma bem tímida, o que imaginavam ser. Em seguida, mostrou-se a fórmula mais tradicional (e mais utilizada, mas que também é considerada ultrapassada) utilizada para a mensuração da FC. O estagiário comentou sobre como se mensura (dedos indicador e médio), onde se faz a mensuração (artérias radial, carótida e inguinal), mostrando para os alunos como se faz isso. Todos os alunos mensuraram sua FC, sendo que utilizamos um cronômetro para marcar os quinze segundos (multiplicamos por 4 para saber os batimentos por minuto). Continuando a explicação, perguntou-se do porquê do número 220 na fórmula (Karvonen), ninguém soube responder, e quando se falou que é devido ao número máximo de batimentos cardíacos que um recém-nascido pode ter, todos

ficaram questionando que, sendo o bebê um ser que não pratica, ainda, atividade física, como poderia se saber isso e também perguntaram sobre a fragilidade de um bebê, se este poderia ter tantos batimentos cardíacos. Propomos que algum(a) voluntário(a) se candidatasse para visualizarmos como se fazia o cálculo, avisando que ao final da aula novamente iríamos mensurar sua FC para ver a diferença, se seu objetivo, frente à mensuração da FC, estaria concretizado.

Na aula seguinte, para melhor aprendizagem deste conteúdo, fizemos uma espécie de avaliação (formativa), na qual entregamos um pequeno papel (Quadro 1) contendo as informações que seriam necessárias para o monitoramento da FC, explicando-se passo a passo como seria feita esta avaliação.

### **Quadro 1:** Avaliação formativa da temática da frequência cardíaca

NOME: _____
FC de repouso: _____ FC máxima (220- idade): _____
FC de reserva: _____
Objetivo na atividade física:
<input type="checkbox"/> sem pretensões de benefícios (- 55%)
<input type="checkbox"/> perda de peso ou queimar gordura (entre 55% e 70%)
<input type="checkbox"/> benefícios para o sistema cardiovascular (acima de 70%)
FC final da aula:
Objetivo foi concretizado? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não

Os alunos mostraram-se muito interessados no tema, ao mesmo tempo em que foi interessante para nós porque nos obrigou a pesquisar, lembrando certos conteúdos.

### **Comentando sobre a avaliação em nosso estágio...**

Em nosso estágio decidimos avaliar sob dois aspectos. Em cada aula, procuramos conversar

com a turma no início e ao final da mesma, além das conversas individualizadas no decorrer das aulas. Como avaliação de estágio, utilizamos as observações individuais da evolução de cada aluno na parte técnica e interativa na aula, a frequência, participação e interesse, um trabalho da frequência cardíaca dos alunos e auto-avaliação (nesta eles deveriam atribuir uma nota e justifi-

cá-la quanto aos itens<sup>13</sup>: frequência, participação/interesse, evolução nos fundamentos, motivação e outro item que achassem necessário).

Falando mais especificamente quanto à auto-avaliação, junto dela os alunos tiveram a oportunidade de comentar sobre os pontos positivos e negativos da nossa intervenção. No quadro 2, a seguir, sintetizamos as opiniões dos alunos.

### **Quadro 2:** Avaliação dos alunos sobre o estágio

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
? Interatividade	? Pouca prática específica
? Dedicção	? Muito "solidários"
? Paciência	? Bagunçada <sup>14</sup>
? Entretenimento	? Jogos rápidos demais
? Descontração	? Deveriam se manter mais rígidos com aqueles que se negavam a fazer os exercícios e com aqueles que só reclamavam
? Boa comunicação	? Em algumas situações faltou se impor
? Bom relacionamento com os alunos	? Poderia haver mais jogo
? Materiais de apoio (texto, figuras etc.)	? Aproveitamento do tempo
? Desenvoltura	
? Os alunos sugerirem exercícios	
? Pontos por usarem técnicas aprendidas em aula	
? Mantinham os alunos à vontade nas aulas	
? Pediam a opinião nas aulas	
? Davam aos alunos a oportunidade de escolha para novas táticas de exercício	
? Aula bem aberta para a opinião dos alunos	
? No jogo, os fundamentos trabalhados em aula valerem pontos a mais, pois motiva os alunos realmente a fazer os fundamentos	
? Vocês nos ouviram sempre	
? A palavra não foi só de vocês	
? Vocês tentaram trabalhar todos os fundamentos	
? As aulas são divertidas, fazem a integração do grupo.	

<sup>13</sup> Esses itens são os critérios criados pelos próprios estagiários como componentes do processo de avaliação.

<sup>14</sup> Aqui podemos relacionar com o que Hildebrandt & Laging (1986) colocam como os "preconceitos em relação às aulas abertas", isto é, os alunos entenderem como uma aula bagunçada, desorganizada.

## Diante disso, as considerações finais...

Terminado nosso estágio, podemos dizer que foi uma experiência muito interessante e gratificante, em virtude da turma com a qual tivemos contato. Sem ela, acreditamos que não seria possível aplicar esta metodologia, uma vez que sempre colaboraram e acima de tudo, respeitaram nossa inexperiência, nossa insegurança e nossa vontade (coisas de estagiários) de querer fazer coisas demais.

Desta forma, acreditamos que este tipo de aula – as *aulas abertas*, se enquadram perfeitamente com alunos do ensino médio, considerando-se que são alunos que já possuem muitos anos de experiência escolar, permitindo que a utilizem para participarem de forma mais efetiva de uma aula – o que acreditamos ser a vontade deles.

Propor-se a estudar novas (ou as existentes) concepções de ensino da Educação Física foi um desafio, e aplicá-la, mais desafiante ainda. Para isso, devemos saber que implementá-la é um processo gradativo e lento, que demanda paciência e determinação.

Pensamos ter cumprido com nosso papel na relação teoria-prática, e acima de tudo, ter reali-

zado um ótimo estágio. O quadro 2, com as considerações dos alunos (aspectos positivos e negativos) nos dá suporte para fazer tal afirmação. Analisando-o, percebe-se claramente que os alunos têm o desejo de poder construir uma aula, participando de uma forma mais dinâmica delas.

Através desta nossa atuação, acreditamos que a relação que se estabelece com os alunos não é simplesmente durante o período de estágio, pois é algo que perdura por muito mais que dois meses. Deve-se ter como principal cuidado a “relação comunicativa”, sem precisar se impor diante dos alunos. O respeito é adquirido, não é imposto ou trocado por favores (dar a bola para os alunos jogarem, agradando-os). E isso demanda “tempo de convívio”.

Terminando, nossa experiência pode ser considerada como marcante. Através dela, pensamos ter construído um processo de ensino (aprender/ensinar) um pouco diferente do usual, que, ao mesmo tempo que foi diferente para os alunos também foi para nós. Saber que você não detém o monopólio e o conhecimento de uma aula facilita em muito o processo de ensino-aprendizagem e as relações que se constroem com a turma, e este “ensinamento”, fica para além do estágio, na nossa vida profissional.

## Referências

- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM. **Visão didática da educação física: análises críticas e exemplos práticos de aulas.** Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1991.
- HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Ralf. **Concepções abertas ao ensino da educação física.** Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.
- HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. Experiência: uma categoria central na teoria didática das aulas abertas. In: \_\_\_\_\_. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física.** Ijuí-RS: Unijuí, 2001, p. 79-98.
- MASSIH, Antônio L. & PRUDÊNCIO, Sandro N. Experiências com o ensino aberto: perspectivas de atuação dos alunos como sujeitos nas aulas de Educação Física. In: **Ponto de Encontro: Ensaios da Prática de Ensino de Educação Física.** Florianópolis: UFSC/CED, NUP, n.5, 1996, p. 99-135.
- MEZZAROBA, Cristiano; COELHO, Guilherme F. M. **Planejamento de ensino de Educação Física escolar para a turma de voleibol 1 – Ensino Médio – Colégio de Aplicação/UFSC.** Relatório final de estágio. Florianópolis: MEN/CED/UFSC, 2004.
- SOUZA, Herbert J. **Como se faz análise de conjuntura.** 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

Contato com os autores:

Cristiano Mezzaroba:  
*cristiano\_mezzaroba@yahoo.com.br*

Carlos Luiz Cardoso:  
*cardoso@cds.ufsc.br*

Recebido: Novembro/2008  
Aprovado: Março/2009